

# FOTOGRAFIA E LITERATURA NOS LIVROS DE MAUREEN BISILLIAT <sup>1</sup>

Miguel Del Castillo <sup>2</sup>

## Resumo

Poucos fotógrafos traduziram tão bem o Brasil em sua complexidade como Maureen Bisilliat. Neste artigo, faço uma análise de seis livros em que a fotógrafa inglesa naturalizada brasileira coloca suas imagens em diálogo com a obra de grandes escritores da literatura nacional: João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto, Adélia Prado e Jorge Amado – autores que, como ela, oferecem visões incontornáveis da alma brasileira. Leitora perspicaz e curiosa, Bisilliat parece discordar do clichê de que uma imagem vale mais do que mil palavras: “Minhas fotografias”, costuma dizer, “só ficam completas com o texto”. Procurarei mostrar como a imagem ganha uma leitura diferente através do texto, e como o texto também recebe nova vida ao ser acompanhado das imagens.

## Abstract

*Few photographers have translated Brazil so well in its complexity as Maureen Bisilliat. In this article, I do an analysis of six books in which the photographer puts her images in dialogue with the work of great writers of the Brazilian literature: João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto, Adélia Prado and Jorge Amado – authors that, like her, offer inescapable visions of the Brazilian soul. Clever and*

---

<sup>1</sup> Este artigo é adaptado dos textos escritos por mim para a exposição **Fotografia e Literatura nos Livros de Maureen Bisilliat** (<<http://maureenlivros.ims.com.br>>), com curadoria minha, em cartaz na Biblioteca de Fotografia do IMS Paulista até 10 de março de 2019. Desde 2003, o IMS guarda, em sua sede carioca, o acervo fotográfico de Maureen Bisilliat.

<sup>2</sup> **Miguel Del Castillo** é escritor, tradutor e editor, autor do livro de contos **Restinga** (Companhia das Letras, 2015). Atualmente é responsável pela Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles em São Paulo. Foi editor da Cosac Naify, do *site* da **ZUM** e da revista **Noz**. Recebeu o prêmio Paulo Britto de Poesia e Prosa com o conto “Carta para Ana”, publicado na **Antologia de prosa Plástico Bolha** (Editora Oito e Meio, 2010), e foi escolhido um dos vinte melhores jovens escritores brasileiros pela revista **Granta**.

*curious reader, Bisilliat seems to disagree with the cliché that a picture is worth a thousand words: "My photographs," she says, "are only complete when accompanied by the text." I will try to show how the image gains a different aspect through the text, and how the text also receives new life when it's side by side with the images.*

*Aprecio imagens aliadas à escrita, frases escolhidas definindo melodicamente a linha da orquestração. Em livros como os de Diane Arbus, de Nan Goldin, há essa orquestração: ritmos, silêncios, acordes, vazios. A palavra, escolhida da produção literária ou pinçada do testemunho biográfico, vem da fala íntima da pessoa, destilada. Seria quase como escrever com a imagem e ver com a palavra.*

*Maureen Bisilliat*

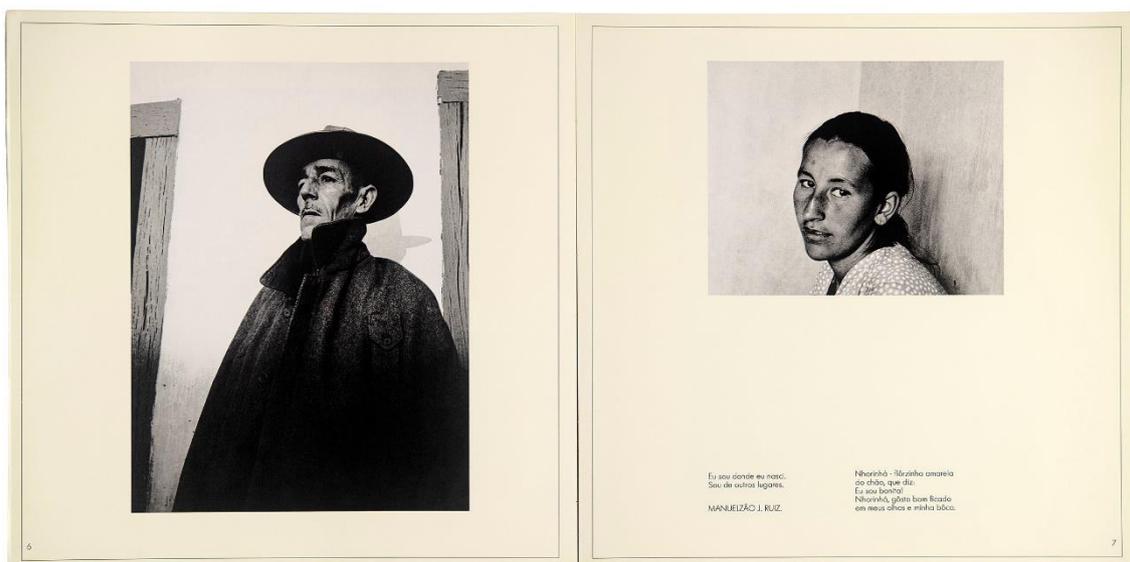
A obra de Maureen Bisilliat, fotógrafa nascida na Inglaterra em 1931, mas naturalizada brasileira, abarca um amplo espectro de temas do Brasil. Com um olhar estrangeiro no melhor dos sentidos – isto é, aquele que, por não ser natural do lugar, procura entendê-lo e respeitá-lo ao máximo –, ela fotografou o dia a dia dos índios do Xingu, os personagens e as paisagens dos sertões de Minas e do Nordeste, as festas e os rituais religiosos e folclóricos do país. Imbuída de uma curiosidade que conserva intacta ainda hoje, aos 87 anos, chegou a ter uma galeria de arte popular, chamada O Bode, e foi convidada por Darcy Ribeiro a montar o acervo do Pavilhão da Criatividade no Memorial da América Latina, instituição na qual continuaria atuando como curadora. E é uma leitora extremamente perspicaz.

Sua devoção à materialidade do mundo se revela também nos muitos livros que publicou, bem como na importância que dá ao processo de editá-los, escrevê-los, desenhá-los e imprimi-los, sempre valorizando os profissionais envolvidos em cada etapa. Este artigo destaca as publicações em que Bisilliat busca um diálogo com grandes escritores da literatura brasileira. Tal projeto, que na verdade nunca foi planejado, mas surgiu espontaneamente de seus anseios e leituras, começou quando recebeu de presente um exemplar de **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa. A fotógrafa encarou a leitura do livro como um desafio a ser vencido, pois, na época, embora falasse espanhol (seu pai era um diplomata argentino), morava havia apenas seis anos no Brasil. Encantada com o romance, quis conhecer e fotografar esse sertão que tanto fascínio exercera no escritor.

A partir daí, seguiu um caminho que a levaria a produzir diversos livros fotográficos, ou, mais especificamente, livros de fototexto, nos quais seleciona trechos da obra de um escritor e os combina com um ensaio visual já existente ou produzido especialmente para a publicação. Assim, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Adélia Prado e Jorge Amado tornaram-se objetos dessas “equivalências fotográficas”, termo que ela usa para se referir à conversa de suas imagens com a literatura. São escritores que, cada um a seu modo, oferecem visões incontornáveis da alma brasileira. Como Maureen.

Faço agora uma breve descrição e análise desses seis livros. Haveria ainda que mencionar a sala especial “O turista aprendiz”, que Bisilliat montou na 18ª Bienal de São Paulo, em 1985 (acompanhada de um catálogo), <sup>3</sup> em que dialoga com o texto em que Mário de Andrade narra uma viagem que fez à Amazônia em 1927. Contudo, pareceu mais interessante manter a seleção ao âmbito dos livros produzidos por Bisilliat, deixando de lado esse catálogo de exposição e outras constantes referências que a fotógrafa faz a escritores, em especial a Ariano Suassuna.

#### A João Guimarães Rosa <sup>4</sup>



<sup>3</sup> O catálogo da sala especial na Bienal pode ser visualizado na íntegra aqui: <<https://issuu.com/bienal/docs/name729994>>.

<sup>4</sup> BISILLIAT & ROSA, 1969/1974/1979.



Imagens do livro A João Guimarães Rosa

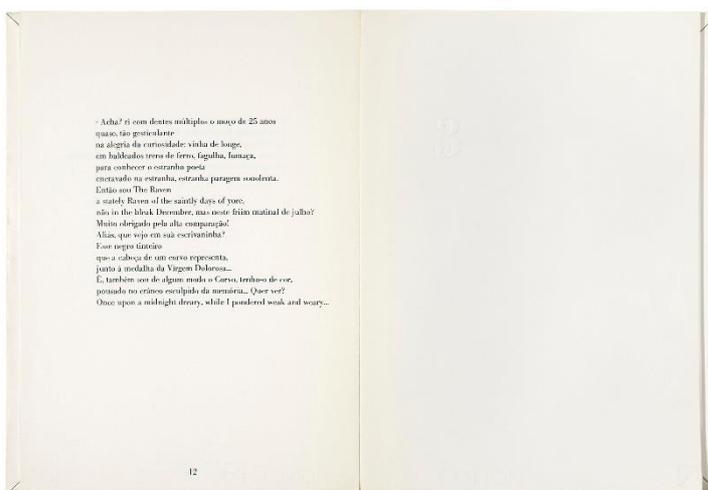
Inspirada pela leitura de **Grande sertão: veredas**, Bisilliat entregou-se ao projeto de fotografar o sertão mineiro. Procurou Guimarães Rosa, que a encorajou a seguir adiante. Desse encontro, surgiu uma cumplicidade fantástica: Bisilliat viajava para o sertão e voltava ao autor para lhe mostrar as fotos que fizera, impressas em formato pequeno. Atrás delas, Rosa anotava nomes de

peças, lugares e outros detalhes. Ele estava certo de que a fotógrafa, por sua ascendência irlandesa e por seu espírito de “cigana”, como dizia, entenderia muito bem aquele local. Infelizmente, o escritor faleceu dois anos antes da publicação do livro – que, por isso e pelo título, ganhou ares de homenagem.

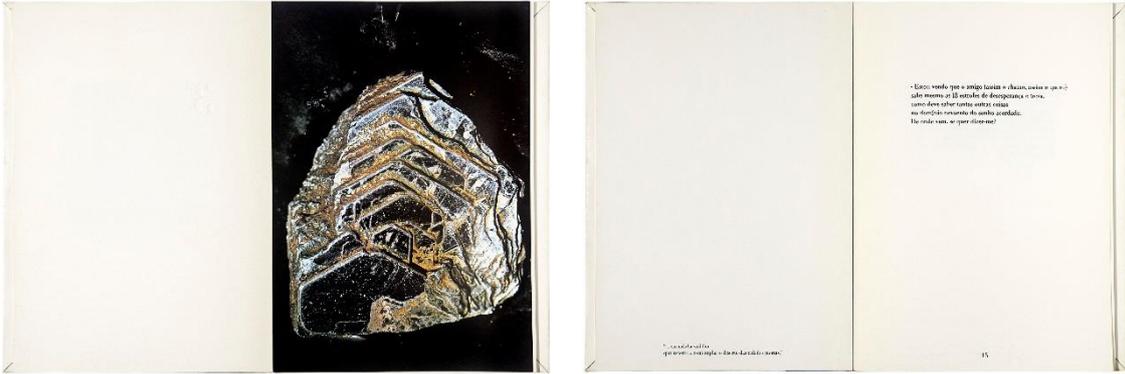
Em **A João Guimarães Rosa**, Bisilliat seleciona trechos que considera significativos do romance e os alia a suas fotografias, com paisagens e retratos de grupos e personagens específicos, incluindo o famoso vaqueiro Manuelzão. A contraluz de muitas imagens é realçada pelos generosos espaços em branco nas páginas. Sua intenção não é “ilustrar” o **Grande sertão**, mas realizar um ensaio em torno da atmosfera daquele universo.

O livro teve três edições, sendo as duas últimas iguais. A primeira era de formato menor e com capa dura, publicada em 1969. A segunda, de 1974, teve novo projeto gráfico, feito por Antonio Marcos Silva, amigo da fotógrafa, que acrescentou uma fina moldura às páginas, propôs uma fonte menor e elegante e aumentou o formato do livro, tornando-o quadrado. Apesar disso, as imagens não cresceram, apenas sua disposição nas páginas foi repensada, as fotografias em cor saíram e as guardas, que antes continham uma foto (remanejada para o meio do livro), ficaram totalmente pretas.

## A visita <sup>5</sup>



<sup>5</sup> BISILLIAT & ANDRADE, 1977.



Imagens do livro *A Visita*

Em meados dos anos 1970, Bisilliat foi convidada pelo bibliófilo José Mindlin a produzir imagens que comporiam uma edição especial, a cargo dele, de um novo poema de Carlos Drummond de Andrade, chamado “A visita”, texto inédito que lhe fora prometido pelo grande poeta mineiro. Nesse poema narrativo, Drummond faz uma espécie de colagem com versos de Alphonsus de Guimaraens e Mário de Andrade para descrever o encontro, em 1919, entre os dois poetas, e a admiração de Mário (compartilhada por Drummond) pelo simbolista da geração anterior. Bisilliat já era leitora de Drummond e o encontrara uma vez. “Ele é essencialmente escocês”, diz, “um homem de paixões escondidas. Sua poesia é extraordinária, porque é uma coisa aparentemente fria e ao mesmo tempo cheia de emoção”.<sup>6</sup>

As cartas entre Drummond e Mindlin mostram como o poeta participou de todos os passos da edição, até mesmo escolhendo a família tipográfica. Numa entrevista posterior, concedida a Cremilda Medina, Mindlin comentou:

*Guita e eu convidamos a grande fotógrafa Maureen Bisilliat, muito nossa amiga, para ir conosco a Ouro Preto e Mariana, em busca de inspiração. E foi lá que Maureen apanhou umas pedrinhas na rua, e disse: “Final, a pedra é a essência de Minas. Por que não fazemos macrofotografias destas pedras?”. Fez a experiência, que deu certo, e a solução foi adotada. Só a capa e uma ilustração (repetição da capa) foram figurativas – a cabeça de mulher em mármore, dando a possível ideia de beleza feminina de Alphonsus de Guimaraens. Mas as outras, mesmo abstratas, combinaram surpreendentemente bem com o texto. (MINDLIN, apud MEDINA, 2002).*

Bisilliat conta que a solução lhe ocorreu depois. Na época da viagem, estava em meio a seu extenso projeto sobre o Xingu, e talvez por isso não tenha ficado satisfeita com as fotos que fez em Minas. Trouxera as pedras consigo,

<sup>6</sup> M. Bisilliat, em conversa com Miguel Del Castillo. Setembro de 2018.

catadas aqui e ali, e então, conversando com Mindlin a respeito da ideia, o editor disse que sua empresa, a Metal Leve, recebera havia pouco uma câmera de macrofotografia para análise de metais, e que poderiam usá-la. Bisilliat posicionava as pedras, e um técnico fazia o clique.

A primeira publicação do livro foi uma edição limitada com 125 exemplares, em 1977. Os cadernos de texto – folhas de papel especial dobradas – são soltos, e as imagens vêm impressas em lâminas avulsas no meio deles, tendo atrás de si os versos do poema com os quais a fotógrafa pretendia dialogar. Em 1979, o Banco de Boston patrocinou uma nova edição, fac-similar da primeira, porém encadernada e de maior tiragem – desta vez foram feitos 3500 exemplares.

### Sertões: luz & trevas <sup>7</sup>



Imagens do livro Sertões Luz e Trevas

<sup>7</sup> BISILLIAT & CUNHA, 1982/1983.

Depois de concluir, ao menos em parte, seu amplo projeto sobre o Xingu, que envolveu exposições e publicações lançadas nos anos 1970, Bisilliat se debruçou sobre **Os sertões**, de Euclides da Cunha, revisitando imagens que fizera entre 1967 e 1972 no Nordeste brasileiro. Do clássico romance social de Euclides, que deriva de uma investigação jornalística sobre a guerra de Canudos, no interior da Bahia, a fotógrafa extrai trechos das duas primeiras seções, “A Terra” e “O Homem”, e um pequeno excerto da terceira.

Parte do livro, conta Bisilliat,<sup>8</sup> foi elaborada numa noite, quando refotografou com uma lente macroampliações em preto e branco e folhas de contatos daquelas imagens, às vezes lançando mão de recursos para colori-las, como uma luz de tungstênio. O restante, mais ou menos metade, foi composto com ampliações tradicionais em cores.

**Sertões: luz & trevas** é o livro favorito da fotógrafa, aquele que considera mais bem-acabado e forte. No prefácio, ela nota como, “nos oitenta anos que separam as populações sertanejas aqui retratadas, poucas mudanças ocorreram em favor dos habitantes destas regiões”. Se há esse aspecto de denúncia de uma realidade, há também a ideia, mais da ordem do poético, de revelar um “mundo ambivalente, real e mítico, onde homem e natureza se confundem” (BISILLIAT & CUNHA, 1982/1983, p. 13). Aqui e em boa parte de seu trabalho, Bisilliat une o social e o estético, conseguindo esquivar-se do panfletário e do piegas – como nas melhores obras de arte.

Para a alegria da autora, a obra não foi repudiada pelos euclidianos, como temia – na segunda edição, de 1983, ela chegou a acrescentar ao final indicações precisas de onde cada trecho textual fora retirado. E, como se não bastasse, uma edição alemã do livro de Bisilliat, lançada apenas dois anos depois (com posfácio de Mario Vargas Llosa), foi um dos grandes incentivos para que **Os sertões** fosse posteriormente publicado naquele país.

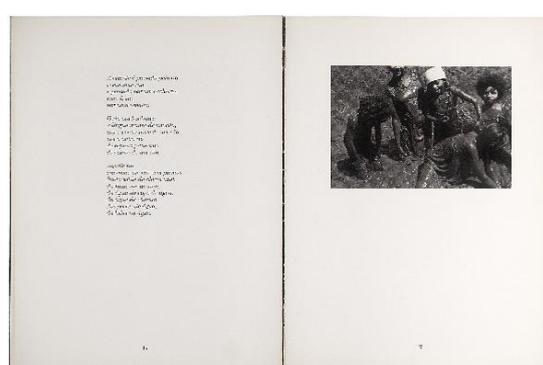
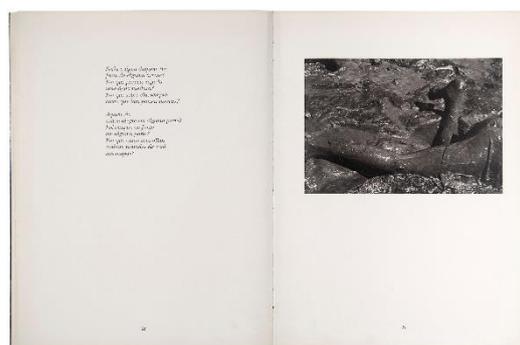
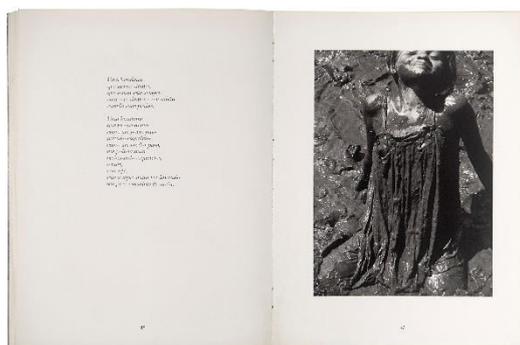
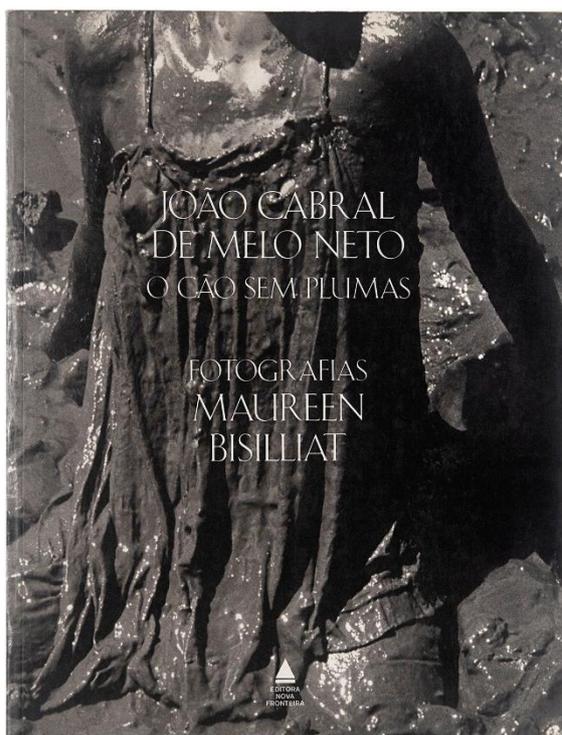
O livro é dedicado também a Ariano Suassuna, que, segundo Bisilliat, é a “terceira ponta do triângulo literário, místico, telúrico, mítico e sertanejo” (Idem, p. 12) – as outras duas seriam Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. A

---

<sup>8</sup> M. Bisilliat, em conversa com Miguel Del Castillo. Setembro de 2018.

Suassuna, aliás, foi encomendado um texto introdutório à obra. Mas o escritor entregou mais de cem páginas escritas, inviabilizando seu uso como prefácio. Esse material configura um livro, ainda inédito, no qual a fotógrafa se torna personagem. O título: **Maurina e a lanterna mágica**.

## O cão sem plumas <sup>9</sup>



Imagens do livro *O cão sem plumas*

Terminado o projeto dos **Sertões**, Bisilliat propôs ao editor da Nova Fronteira, Pedro Paulo de Sena Madureira, um livro com fotos suas sobre **O cão**

<sup>9</sup> BISILLIAT & MELO NETO, 1984.

**sem plumas**, um dos grandes poemas do pernambucano João Cabral de Melo Neto. As imagens haviam sido feitas para uma reportagem da revista **Realidade**, com texto de Audálio Dantas, sobre a região de Livramento, na Paraíba, onde homens e mulheres viviam da caça ao caranguejo. O ensaio de Bisilliat, que entrou na lama do rio e acompanhou com sua câmera as mulheres “caranguejeiras”, foi capa da edição de março de 1970 (DANTAS & BISILLIAT, 1970).<sup>10</sup> A matéria fora uma sugestão dela e de Dantas, que tiveram a ideia após assistir ao filme **Os homens do caranguejo** (1968), de Ipojuca Pontes.

Associar esse ensaio ao poema do pernambucano, escrito originalmente em 1950, caía como uma luva, pois, para ela, “João Cabral tem a mesma dureza passional de Drummond, mas é diferente, pois é mais político, no sentido social”. Logo no começo, versos como “[O rio] Sabia dos caranguejos/ de lodo e ferrugem./ Sabia da lama/ como de uma mucosa./ Devia saber dos polvos./ Sabia seguramente/ da mulher febril que habita as ostras” atestam que o casamento é perfeito. As imagens das caranguejeiras são em preto e branco, reforçando visualmente a ideia de que elas e a lama do rio se tornam uma coisa só. Os homens aparecem em algumas poucas fotos, em cores, na parte final do livro.

“Para o João Cabral, o ‘cão sem plumas’ era o Capibaribe, em Pernambuco; para mim, é esse rio em Livramento, na Paraíba.”<sup>11</sup> Com essa frase simples, a fotógrafa resume a operação que faz nesta e em muitas de suas “equivalências”: une um universo seu, complementar, ao do texto literário, e esse contato potencializa ambos.

O livro seria parte de uma coleção da Nova Fronteira, dirigida por Bisilliat e intitulada “Poemas do País”, cuja proposta era “um traçado de equivalências, onde texto e imagem se justapõem, por consonância ou dissonância se agregam, e se encontram em equidistância de voo”. Numa entrevista ao **Jornal do Brasil** por ocasião do lançamento, a fotógrafa disse que previa publicar, nos volumes seguintes, Jorge de Lima, Mário de Andrade e Sousândrade: “Acho que tenho material para três ou quatro poemas. Depois disso nada exclui que se busque dentro de trabalhos de outros fotógrafos, especialmente aqueles que

---

<sup>10</sup> Na capa de **Realidade**, em plena ditadura militar, a manchete dizia, apenas: “Vida corajosa”.

<sup>11</sup> M. Bisilliat, em conversa com Miguel Del Castillo. Setembro de 2018.

trabalhem dentro dessa realidade mais telúrica, a música de outros poemas”. (ORSINI, 1984, p. 2). Mas a coleção, cuja ideia faz lembrar a famosa “Palavra e Imagem”, publicada a partir dos anos 1960 pela espanhola Lumen, infelizmente não foi adiante.

## Chorinho doce <sup>12</sup>

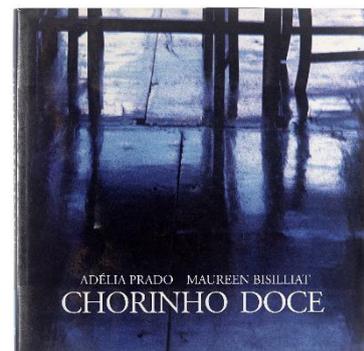
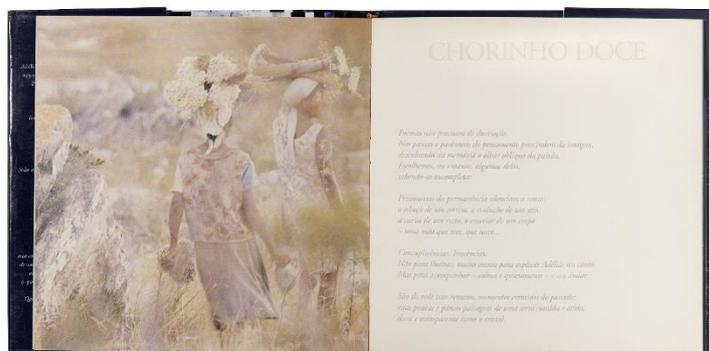
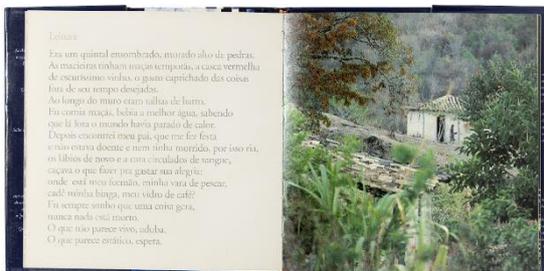
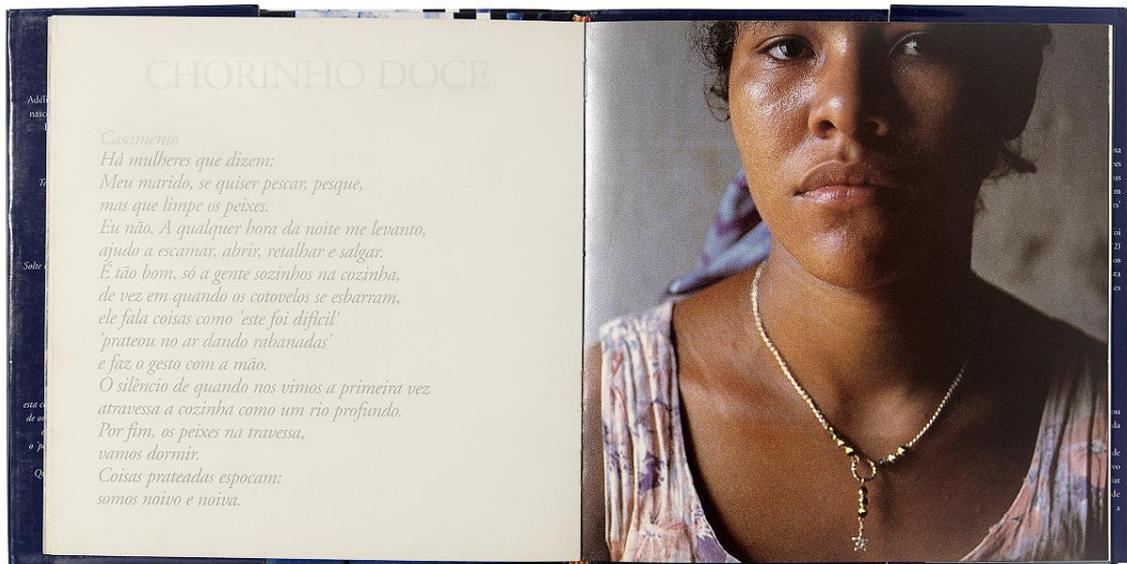


Imagem do livro Chorinho Doce

<sup>12</sup> BISILLIAT & PRADO, 1995.

Bisilliat admirava a poesia da mineira Adélia Prado, e propôs a ela que fizessem um livro em conjunto. A publicação foi patrocinada por uma empresa que comemorava um ano de presença no estado de Minas Gerais. Diferentemente dos outros livros, foi a própria escritora que selecionou os poemas.

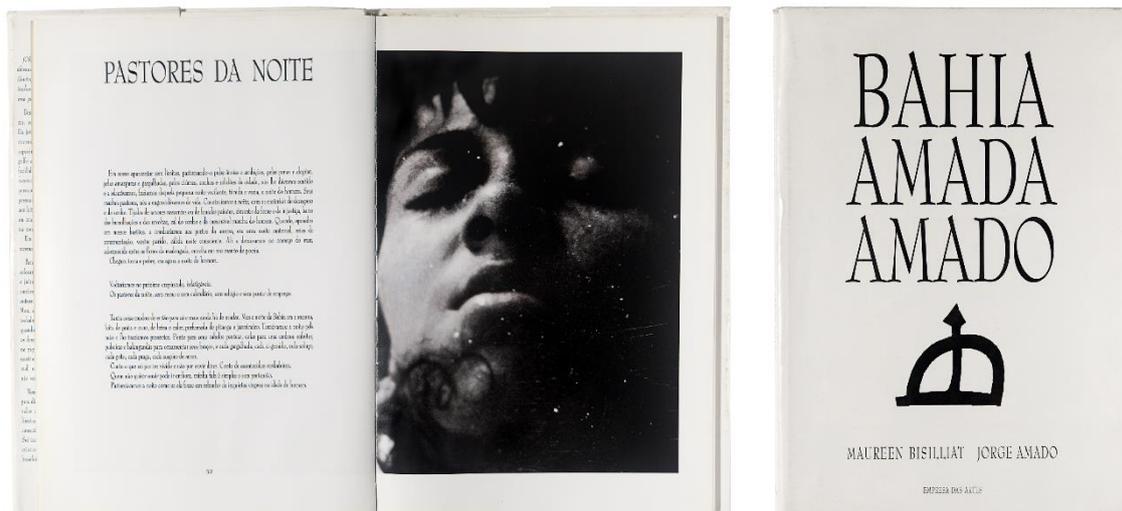
A esses versos simples, quase domésticos e, ao mesmo tempo, carregados de paixão, Bisilliat associou fotografias que fizera em suas muitas viagens ao vale do Jequitinhonha, acompanhada de seu marido, Jacques. O casal coletava peças de arte popular para a loja/galeria O Bode, que funcionava em sua residência no bairro dos Jardins, em São Paulo.

As imagens, segundo escreve Bisilliat numa nota introdutória, não servem para ilustrar ou explicar a poesia de Adélia Prado, mas “para acompanhar – calma e quietamente – o seu andar” (BISILLIAT & PRADO, 1995, p. 11). Todas em cores, são carregadas de nostalgia, parecem suspensas no tempo, como aquele lugar. Traduzem, talvez, o sentimento da própria fotógrafa: poucos anos antes dessa publicação, seu cônjuge falecera, e é a ele que dedica o livro.

### Bahia amada/Amado <sup>13</sup>



<sup>13</sup> BISILLIAT & AMADO, 1996.



Bahia amada/Amado ou O amor à liberdade & a liberdade no amor

Em **Bahia amada/Amado ou O amor à liberdade & a liberdade no amor**, Bisilliat dialoga com a literatura de Jorge Amado. Ele foi o escritor com quem teve mais proximidade. Os dois se conheceram no início dos anos 1970, quando ela fotografava a Bahia para a superintendência de turismo do estado.

Pode-se perguntar por que a publicação demorou tanto a sair, se o convívio entre os dois data de pelo menos 25 anos antes. “Coisas da vida”, diria a fotógrafa, mas há também uma história curiosa: muitos anos antes, ela tinha um esboço de um livro sobre Jorge Amado. Oferecera-o para a Brunner, que antes havia editado o seu **A João Guimarães Rosa**. Um dia, tomou um táxi rumo à gráfica, levando consigo os cromos originais das fotografias que usaria, acomodados dentro de uma revista. Acabou esquecendo a revista no carro, e os cromos desapareceram para sempre.

Os textos, selecionados pela fotógrafa, vêm de doze livros de Amado, e por isso o volume, que possui uma clara intenção de retratar a atmosfera de toda a obra do autor, é o mais extenso desse conjunto. Segundo ela, Amado possui uma “linguagem amorosa, exuberante e trágica”. O mesmo pode ser dito das fotografias, feitas originalmente nos anos 1970, que ganham em dramaticidade por conta do grandíssimo formato do livro. As imagens fogem de lugares-comuns: há muitos interiores, retratos em contraluz; o mar surge brilhando com o sol em fotos em preto e branco, mas, numa delas, há um golfinho encalhado na areia. Para Bisilliat, esse foi um mundo que, “resistindo ao concreto e à pressa

de hoje, tomou-nos pela mão, levando-nos pela orla de um mar aberto, pelas terras e rios secos da caatinga e pelos candomblés de morro, com seus pastores e damas da noite” (BISILLIAT & AMADO, 1996, p. 9).

Há também uma edição em inglês do livro, pela mesma editora e feita no mesmo ano, com tradução feita pela própria fotógrafa.

### **Imagens e palavras**

Esse conjunto de livros reflete uma vida em que a literatura é presença constante, tanto no pensamento como na ação fotográfica. Bisilliat parece discordar do clichê de que uma imagem vale mais do que mil palavras, quando afirma que suas fotografias “só ficam completas com o texto”.<sup>14</sup> Assim, ocorre um duplo nascimento quando cada livro desses é publicado: de uma imagem que caminha junto com o texto, e de um texto que recebe nova vida pela imagem. Isso é possível porque o texto já estava na mente dela enquanto fazia ou selecionava as fotos – pois vem das leituras que fez, e que a tornam quem ela é.

Não há, portanto, um conceito teórico a nortear a interseção entre literatura e fotografia operada por Bisilliat. Ela traz a questão para um plano mais pessoal, do afeto e da memória. E, como uma história muito bem contada, atinge todos nós.

---

<sup>14</sup> M. Bisilliat, em conversa com Miguel Del Castillo. Setembro de 2018.

## Referências Bibliográficas

BISILLIAT, Maureen (fotografias) & ROSA, João Guimarães (texto). **A João Guimarães Rosa**. São Paulo: Gráficos Brunner, 1969/1974/1979; ed. alemã: Edition Diá, 1987.

BISILLIAT, Maureen (fotografias) & ANDRADE, Carlos Drummond de (texto). **A visita**. São Paulo: Ed. especial José Mindlin, 1977. Ed. fac-similar: São Paulo: Ao Gosto Augusta/Banco de Boston, 1979.

BISILLIAT, Maureen (fotografias) & CUNHA, Euclides da (texto). **Sertões: luz & trevas**. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1982/1983; ed. alemã: Edition Diá, 1984

BISILLIAT, Maureen (fotografias) & MELO NETO, João Cabral de (texto). **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BISILLIAT, Maureen. Catálogo da exposição O Turista Aprendiz, parte da 18ª Bienal de São Paulo – O Homem e a Vida, 1985. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name729994>.

BISILLIAT, Maureen (fotografias) & PRADO, Adélia (texto). **Chorinho doce**. São Paulo: Alternativa/lochpe-Maxion, 1995.

BISILLIAT, Maureen (fotografias) & AMADO, Jorge (textos). **Bahia amada/Amado ou O amor à liberdade & a liberdade no amor**. São Paulo: Empresa das Artes/Unisys, 1996.

BISILLIAT, Maureen. Conversa com Miguel Del Castillo. Setembro de 2018.

CASTILLO, Miguel del (curador). Exposição **Fotografia e Literatura nos Livros de Maureen Bisilliat**. Biblioteca de Fotografia do IMS Paulista, São Paulo, 9 out. 2018-10 fev. 2019, .

DANTAS, Audálio (texto) & BISILLIAT, Maureen (fotografias), “Povo caranguejo”. **Realidade**, ano IV, n. 48, pp. 102-112, mar. 1970.

MINDLIN, José E. apud MEDINA, Cremilda. "A visita dos afetos". Revista USP, São Paulo, n. 53, pp. 54-63, mar./maio 2002. Disponível em:  
<http://www.journals.usp.br/revusp/article/download/33185/35923>.

ORSINI, Elizabeth. "As fotos de Maureen musicando os versos de João Cabral". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26/12/1984, Caderno B, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1984\\_00261.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1984_00261.pdf).